

Religião, migração e ação social: a Igreja Adventista do Sétimo Dia em pauta

Religion, migration and social action: the Seventh Day Adventist Church
on the agenda

*Bernadete Alves de Medeiros Marcelino**

Resumo

O artigo apresentado tem como objetivo abordar a relação que a Igreja Adventista do Sétimo Dia mantém com ação social e migrantes em São Paulo. O método utilizado para essa abordagem consistiu em levantamento bibliográfico e pesquisa de campo. Como resultado pudemos constatar que a Igreja Adventista do Sétimo Dia atua com bastante ênfase na ação social, por meio da qual se relaciona também com alguns grupos de imigrantes em São Paulo. Esse cenário não é novo, mas traz uma história marcada pelas ideias de sua principal fundadora, Ellen G. White, que enfatizou a ação social e alcance aos imigrantes no início do movimento e que se estende através de concepções sustentadas pelo movimento até os dias de hoje. Uma realidade dentro de um quadro extremamente complexo que envolve a temática migração na cidade de São Paulo.

Palavras-Chave: Religião. Migração. Ação Social. Adventista.

Abstract

The article presented aims to address the relationship that the Seventh-day Adventist church maintains with social action and migrants in São Paulo. The method used for this approach consisted of a bibliographical survey and field research. As a result we could verify that the Seventh-day Adventist Church acts with much emphasis on social action, through which it also relates to some groups of immigrants in São Paulo. This scenario is not new, but it has a history marked by the ideas of its main founder, Ellen G. White, who emphasized the social action and reach to the immigrants at the beginning of the movement, and that extends through conceptions sustained by the movement until the days of today. A reality within an extremely complex framework that involves the theme of migration in the city of São Paulo.

Keywords: Religion. Migration. Social action. Adventist.

* Doutoranda em Ciência da Religião (PUC-SP). E-mail: bernadetemarcelino@outlook.com.br

Introdução

Religião, migração e ação social não são apenas temas que se articulam em algumas discussões relacionadas à capital paulista. Podemos dizer que essa relação é uma realidade no cenário que compõe a cidade. O imigrante que trouxe consigo sua força de trabalho, trouxe também a sua cultura, hábitos e expressões religiosas, por vezes diferentes, mas que compõe essa paisagem com características tão diversificadas. A cidade não garante, em si, o espaço de tolerância para com o dissemelhante. Por outro lado, propicia a convivência, compondo um caráter cosmopolita com capacidade para aceitação daquilo que é visto ou entendido como diferente. Nesse complexo espaço da vida urbana, nos deparamos com o estrangeiro que traz “seus deuses, altares e ritos, com uma forma peculiar de venerá-los”, com expressões públicas de culto nem sempre isentas de conflitos, no entanto, sujeitas a negociações (Magnani, 2009, p. 20-22). Nesse cenário também encontramos o migrante, que frente à ausência de políticas públicas migratórias e os desafios que se vê obrigado a enfrentar, vai buscar acolhimento em algumas instituições religiosas. Em alguns casos, o migrante religioso busca respaldo em uma comunidade religiosa correspondente à sua, como no caso dos haitianos adventistas pesquisados que buscaram auxílio na própria Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD), em São Paulo. Em outras situações procuram qualquer uma que lhes ofereça auxílio.

O objetivo deste texto é abordar a relação da instituição com a ação social e migrantes em São Paulo. Para melhor compreender esse cenário o método utilizado contemplou, além do levantamento bibliográfico, a observação participante durante dois anos em meio a um grupo de imigrantes haitianos acolhidos pela IASD na capital paulista. Para entendermos essa relação, iniciaremos contextualizando o nosso objeto de pesquisa e as influências do pensamento de Ellen G. White (figura importante na denominação), no que se refere à temática apresentada, e posteriormente na relação que a IASD mantém com a ação social e migrantes na capital paulista.

1. Igreja Adventista do Sétimo Dia e sua história: contextualizando o objeto de estudo

A IASD surgiu nos Estados Unidos (EUA), em meados do século XIX, após um desapontamento ocasionado pelo não cumprimento da profecia de William

Miller (1782-1849), também conhecido como Guilherme Miller (pregador de origem batista, morador de Low Hampton) que, baseado em textos apocalípticos judaicos e cristãos, havia calculado e marcado a volta de Jesus para 1843 (Campos, 2012, 117 e 119). A partir desse desapontamento, um grupo que passou a estudar as escrituras sagradas (bíblia), buscando respostas para o ocorrido, surgiu, denominando-se de Adventistas. Alguns personagens foram de suma importância para que esse movimento se institucionalizasse e viesse a crescer, dentre os quais Ellen G. White recebe destaque. Mas Ellen G. White, além de ser uma das fundadoras do movimento juntamente com seu esposo, James White, e Joseph Bates (Schunemann, 2009, p. 149), seria também uma das grandes responsáveis por sua expansão, passando a adquirir grande influência entre os membros da instituição (Gaarder, Hellern e Notaker, 2005, p. 224).

1.1. A Igreja Adventista do Sétimo Dia e as influências das ideias de Ellen G. White em suas concepções e posturas: o migrante e a ação social

Ellen G. White (1827-1915), nasceu em Maine, nordeste dos Estados Unidos da América (EUA), em 1827. Filha de Roberto Harmom e Eunice Harmon, Ellen G. White era irmã gêmea de Elisabete Harmon. Aos doze anos foi batizada por um ministro metodista. Escreveu inúmeros artigos durante a sua vida, chegando a um número aproximado de 5.000 ou mais, e 49 livros. Segundo Campos (2012, p. 119-120), White foi aceita pelos adventistas como profetisa e suas interpretações consideradas frutos de revelação divina. Seus livros adquiriram ampla circulação e autoridade dentro do movimento, os quais passaram a ser lidos e estudados pelos adventistas. Um deles, com o título de “Passos até Cristo”, foi traduzido para 78 línguas e já vendeu mais de 5 milhões de exemplares” (Gaarder, Hellern e Notaker, 2005, p. 224).

White viveu em um período marcado por inúmeras inovações sociais para aquela época, que inevitavelmente trariam suas influências na forma de pensar e agir da escritora e, conseqüentemente, na própria IASD, tendo em vista a importância que suas ideologias ocuparam dentro do movimento adventista. Algo interessante merece ser destacado inicialmente: o fato de uma mulher (Ellen G. White), vivendo em um momento histórico marcado por fortes discriminações contra o gênero feminino, ter alcançado respeito e admiração dentro de um

movimento religioso que nascia naquela ocasião. É possível considerar que isso se deva, em partes, a algumas discussões que estavam em alta nos Estados Unidos em relação ao papel social exercido pela mulher no país. Naquele período, a mulher já ocupava, ainda que discretamente, um espaço diferenciado na sociedade e já atuava frente a trabalhos de produção intelectual, artística e científica. Havia diversas reivindicações, questionamentos e exigências femininas como acesso à formação superior, voto e participação política. A discriminação era evidente, mas o sistema capitalista que, por meio da Revolução Industrial, evidenciava ainda mais essa discriminação, uma vez que se utilizava da mão de obra feminina sujeitando-a a toda sorte de exploração, também possibilitava sua movimentação na reivindicação de direitos e mudanças no sistema que as oprimia (Méndez, 2004, p. 63, 67, 68; Quadros, 2011).

Uma questão que também chama a atenção está relacionada ao seu interesse pelos imigrantes. Esse interesse pode ter surgido principalmente em decorrência de algumas questões sociais que permeavam os inúmeros estrangeiros que habitavam o norte dos Estados Unidos na ocasião. Dois processos migratórios, ocorridos principalmente para o norte dos Estados Unidos, merecem destaque quando tratamos dessa postura de White para com os imigrantes. A imigração irlandesa e a imigração alemã. Um dos desconfortos trazidos ao país por tais migrações, dizia respeito à religiosidade do imigrante, que era católico. Um movimento anti-imigratório e até xenofóbico em alguns casos, chamado de *Know Nothing* foi criado. Este fazia exigências que iam desde a limitação da imigração, principalmente daquelas provindas de países católicos, até exigências de 21 anos para naturalizar-se no país e restrições para atuar como professor em escolas públicas e protestantes (Cunha, 2012, p. 22-25). Tendo em vista esse cenário, é possível correlacioná-lo aos escritos de White (2007, p. 152) onde pode ser observado que, ao orientar o movimento adventista em relação ao ato proselitista, destaca a presença de migrantes e a atenção que os pertencentes ao movimento adventista deveriam dar a estes. Sua preocupação principal era alcançar esses imigrantes com a mensagem adventista. Seus escritos enfatizavam: enquanto “muito tem de ser feito em favor dos estrangeiros que vieram às praias de nossa própria terra”. A escritora ainda acrescenta: na “cidade de Nova York, em Chicago e em outros grandes centros de população, existe vasto elemento estrangeiro – multidões de várias nacionalidades” (p. 152). É inerente ressaltar que, curiosamente, a mensagem adventista chegou aos

imigrantes alemães nos EUA e foi por meio deles que a mensagem adventista chegou à Alemanha (Schuneman, 2009, p. 154, 157-158).

Nos escritos de White outro quesito merece ser destacado, e está relacionado à ênfase na ação social para ajudar necessitados, também como estratégia proselitista. Ao tratar sobre o assunto White (2007, p. 143) alega:

[devemos] alimentar o faminto, vestir o nu, cuidar das viúvas e dos órfãos, e servir ao aflito e ao abatido. [...] A obra de recolher o necessitado, o oprimido, o aflito, o que sofreu perdas, é justamente a obra que toda igreja que crê na verdade para este tempo devia de há muito estar realizando. Cumpre-nos mostrar a terna simpatia do samaritano em acudir às necessidades físicas, alimentar o faminto, trazer para casa os pobres desterrados, buscando de Deus todo dia a graça e a força que nos habilitem a chegar às profundezas da misericórdia humana, e ajudar aqueles que absolutamente não se podem ajudar a si mesmos. Isto fazendo, temos favorável ensejo de apresentar a Cristo, o crucificado [...].

Essa ideologia de White passou a ser presente na IASD que defende acreditar que através da ação social é possível demonstrar a religião na prática à comunidade. Compreendem, que a Bíblia Sagrada dá ênfase ao trabalho social como parte integrante do evangelismo. Além de seguirem as orientações de White, alegam que Jesus teria ensinado o desenvolvimento dessas práticas. Atualmente, a ação social da IASD acontece por meio de duas frentes principais: “a Ação Solidária Adventista (ASA) e a Agência Adventista de Desenvolvimento e Recursos Assistenciais (ADRA). O trabalho desenvolvido pela ASA, baseia-se em iniciativas solidárias e serviços de assistência social de cada igreja local”. A ADRA é uma organização não governamental, sem fins lucrativos, que tem como objetivo a ação social. Esse órgão estaria presente em 125 países, com ênfase em bem-estar, relações sociais, saúde e cura de doenças (Rosa, 2009).

Oficialmente a ADRA existe desde novembro de 1956, tendo surgido nos Estados Unidos. Mas seu “DNA” remonta a 1890, nos bairros periféricos de Chicago, quando uma série de programas assistenciais começou a ser implantado pela Igreja Adventista. O poder de mobilização cresceu e consolidou sua força operacional de modo que na 1ª e na 2ª Guerras Mundiais voluntários se reuniram para enviar suprimentos a regiões devastadas pelo conflito. [...] Atualmente, a ADRA é uma das principais organizações não-governamentais no mundo. [...] Na América do Sul, a ADRA concentra suas atividades em cinco áreas ou componentes principais, que são: Segurança Alimentar, Saúde Primária, Educação Básica, Desenvolvimento Econômico e Gestão de Emergências. (Rosa, 2009, p. 30)

No que se refere à ASA, a IASD alega que ela se constitui num ramo de atividades missionárias da igreja. Na América do Sul teria em torno de 13 mil postos que fazem manutenção de creches em bairros carentes de cidades como São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador. Seria responsável por ofertar também instrução musical, atividades manuais e alimentação para comunidades carentes (Rosa, 2009, p. 21 e 33). Além da ADRA e da ASA, outros projetos sociais também são pontuados pela IASD.

Entre os projetos pontuados destacamos alguns ¹. O primeiro a pontuarmos se refere à doação de sangue todos os anos desde 2004, denominado “Vida por Vidas”. Em 2009 esse projeto teria contado com cerca de 80 mil doadores cadastrados (Rosa, 2009, p. 24). Durante a pesquisa de campo foi possível se deparar com convocações em boletins internos da igreja para que os membros da instituição pudessem colaborar com o projeto. Outro projeto diz respeito a um mutirão de natal visando arrecadação de alimentos, roupas, brinquedos e outras doações para comunidades carentes e entidades de assistência social (p. 26). No tocante a trabalhos comunitários sustentam ter um projeto denominado “Saúde de Bairro em Bairro” que pretende levar assistência médica gratuita a comunidades carentes. Durante a pesquisa foi possível entrevistar um jovem (membro da igreja) que, juntamente com um grupo de pessoas, realizou esse tipo de trabalho em bairros da cidade de Hinche, no Haiti, no ano de 2014. A iniciativa seria promotora de atendimento médico, odontológico e palestras educativas sobre saúde (p. 27). Enfatizam ainda, o desenvolvimento de um trabalho de segurança alimentar/ agricultura promovido pela ADRA, com objetivo melhorar a qualidade de vida de agricultores e suas famílias, ajudando a aumentar a produtividade dos cultivos por meio de “técnicas agropecuárias apropriadas, sementes melhoradas, diversidade de cultivos com a estratégia de mercado, bem como o cuidado com o meio ambiente” (p. 30). No Peru, teriam um programa de Segurança Alimentar com o objetivo de contribuir para a melhoria da saúde e nutrição infantil de crianças menores de 3 anos e gestantes, através da ADRA (p. 31). Apresentam também a manutenção de um projeto denominado de “Saúde Primária”, realizado através da ADRA, que busca promover a prevenção e controle de doenças recorrentes entre a população carente (p. 32). Seriam promotores de projetos que possibilitam microcréditos e nestes a ADRA seria responsável pelo desenvolvimento de capacitação para atividades que visam geração de renda (p. 34). Alegam realizar “construção de

barreiras contra enchentes, recuperação de solos aráveis, construção de abrigos, construção e reforma de casas”, e assistência psicológica pós-traumática (p. 35).

1.2. A igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil/São Paulo e sua articulação com imigrantes a partir da ação social

A IASD chegou oficialmente ao Brasil em 1893, através do missionário adventista Albert B. Stauffer. Entretanto, a fé adventista, de certa forma, já se manifestava no país por meio de uma comunidade alemã localizada em Santa Catarina. Na Alemanha, o adventismo estava em fase crescente, uma vez que muitos alemães que se converteram ao adventismo nos Estados Unidos retornaram ao seu país de origem no intuito de propagar a sua fé. No Brasil, no entanto, apesar da fé adventista ter sido primeiramente difundida entre alemães, não chegou ao país por esses imigrantes. Por outro lado, o fato da IASD estar em extensa difusão na Alemanha e o adventismo organizado em outras duas grandes colônias alemãs nos Estados Unidos e Canadá, pode ter levado esses imigrantes no Brasil, a receber a mensagem adventista com mais afinco (Schunemann, 2003; Schunemann, 2009, p 157-158).

Borges (2000) expõe os fatos dizendo que um imigrante alemão, por nome Borchardt, residente em Santa Catarina, depois de uma briga, resolveu fugir e embarcar para Alemanha. Na viagem conheceu dois missionários adventistas que conversando com ele expuseram o desejo de enviar literaturas adventistas para o Brasil. Borchardt lhes entregou o endereço de seu padrao luterano, Carlos Dreefke que estava no Brasil. As literaturas que chegaram a Dreefke foram distribuídas. Mas, com medo de que tivesse que pagar pelas revistas, negou-se a continuar recebendo-as. Dressler, também alemão, sabendo que as revistas eram gratuitas, no intento de lucrar sobre elas, aproveitou a ocasião e se responsabilizou pelos pedidos. Dressler, que era alcoolista, acabava trocando os folhetos adventistas recebidos, reutilizados como embrulho por bebida alcoólica. Através desses embrulhos a mensagem adventista foi sendo disseminada no Brasil até que, em um certo dia, um outro alemão, por nome Guilherme Belz, ao verificar suas compras, percebeu que o papel de embrulho estava escrito em alemão. Semanas depois teve acesso a um livro, comprado de Dressler, que coincidentemente abordava o mesmo assunto do folheto. Guilherme era nascido de uma família luterana e a partir do contato com a literatura adventista passou

a observar suas recomendações em relação ao 7º dia (sábado). Quando o missionário adventista Albert B. Stauffer chegou ao Brasil em 1893, um grupo de alemães já observava dogmas adventistas.

A chegada de Stauffer ao Brasil, foi um marco para oficialização da IASD brasileira, mas como a fé adventista ficou por alguns anos centrada entre imigrantes alemães, não se propagou de imediato. Seyferth (2005, p. 19) alega que no início da imigração alemã para o Brasil, esses imigrantes se concentravam em grupos familiares, isolando-se dos brasileiros. Em decorrência desse fator, o adventismo se manteve apenas nas colônias alemãs durante anos, conforme alega Schunemann (2009, p. 154). A literatura adventista na língua alemã parecia favorecer ainda mais esse quadro. No entanto, com o passar dos anos, essas comunidades foram adquirindo fiéis nativos brasileiros (Schunemann, 2009). Em 1895, em Santa Catarina, onde havia uma grande concentração dessas comunidades, fundou-se a primeira igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil. Contudo, só anos mais tarde chegaram ao Estado de São Paulo. A primeira IASD no Estado de São Paulo foi fundada em Santo Amaro no dia 17 de janeiro de 1915 (Mendes, 2015, p. 37-38). O movimento cresceu bastante no Brasil, principalmente no Rio Grande do Sul entre os anos de 1919 a 1937. Contudo, o seu grande desenvolvimento se deu em São Paulo, onde manteve um foco proselitista intenso entre imigrantes, especialmente italianos, portugueses, espanhóis e japoneses. Fator que colaborou para esse crescimento, principalmente na capital paulista. Entre suas estratégias de crescimento, em um determinado momento, centralizando-se no fluxo migratório nordestino para São Paulo, utilizou-se de tendas para o evangelismo público em bairros periféricos. Esse fator contribuiu também para a continuidade do seu crescimento e abertura de inúmeras outras congregações (Schunemann, 2009). Anos depois de ter chegado a São Paulo, a IASD construiu um templo no bairro da Liberdade. Esse templo, desde a sua formação, atendeu a diferentes grupos de imigrantes adventistas que chegavam a capital (Mendes, 2015, p. 50). Hoje, acolhem a um grupo de haitianos que professam a fé adventista. É um templo “chave” para a instituição na capital de São Paulo.

No início da história da IASD na cidade de São Paulo, ainda nas primeiras décadas do século XX, a cidade já chamava atenção por sua prosperidade econômica, desenvolvimento dos meios de comunicação e crescimento das funções urbanas, enxergados como símbolos do progresso republicano. Em meio

a essa configuração a missão adventista investiu no projeto de missões visando também migrantes em São Paulo e prosperou. A construção do prédio da Igreja Adventista no bairro da Liberdade, inaugurado em 1929, tornou-se um importante templo da instituição em São Paulo. Vale a pena ressaltar que, nessa ocasião, 40% dos adventistas do país estavam na capital paulista. Esse relacionamento da IASD com a multiplicidade étnica da cidade trouxe como resultado o estabelecimento de pelo menos cinco Igrejas específicas: “Igreja Adventista Nipo-brasileira, Igreja Adventista Coreana, Sinagoga Adventista de São Paulo (Beth B’nei Tsion), Comunidade Árabe e Igreja Adventista Hispana. Todas essas igrejas fazem parte da Associação Paulistana” da IASD e teriam nascido frente a duas questões básicas: “por necessidade linguístico-cultural” ou “para se estabelecer um diálogo inter-religioso”. A instituição teria buscado atender a diversidade étnica desses grupos, por meio de métodos de adaptação a cultura de cada um deles (Mendes, 2015, p. 43, 45, 47-51). Depois da imigração haitiana para o Brasil em 2010 surgiu uma nova comunidade étnica adventista, a Comunidade Adventista Haitiana. Apesar de Mendes destacar que essas comunidades surgiram em decorrência linguístico-cultural ou diálogo inter-religioso, a pesquisa de campo entre os imigrantes haitianos adventistas indicou que o surgimento do grupo pode ter sido em decorrência de outros fatores relacionados ao próprio grupo de imigrantes também. Em diferentes regiões do Brasil outras comunidades étnicas haitianas evangélicas surgiram. Nesse caso, podemos dizer que os haitianos têm uma característica comum no que se refere a formação dessas comunidades. Costa (2016, p.26), observa esse fator e o destaca ao falar sobre a imigração haitiana para o Brasil.

Constatamos que com foco na relação que envolve a ação social e migrantes, a IASD desenvolveu no centro de São Paulo, um projeto. A instituição alega que este visa atender a comunidade, incluindo grupos étnicos. Esse projeto está concentrado em um centro de influência, denominado de “Instituto Base Genesis”, inaugurado no dia 09 de maio de 2015, localizado na Praça da Sé, por meio do qual objetiva-se acolher inicialmente pelo menos 16 grupos étnicos diferentes, oferecendo cursos de capacitação profissional, línguas, e outras atividades que envolvam aspectos físicos, emocionais e espirituais, conforme alegação da própria IASD. A instituição explica que a criação desse centro de influência, baseia-se em uma visão de Ellen White e sua orientação para estabelecimento em pequenas instalações localizadas em diversas cidades, com o

propósito de ajudar a comunidade em suas necessidades. Nesse caso, explicam que o tamanho e formato desses centros não são importantes. Nesse sentido, o Departamento de Missão Adventista tem se empenhado “para estabelecer uma rede de centros de influência, autossustentáveis, em áreas urbanas – chave” em diversos países. No caso de São Paulo, mantém uma sala no 1º andar de um prédio localizado na Praça da Sé. Durante a pesquisa de campo foi possível visitar o local para conhecer o ambiente e o trabalho desenvolvido. Na visita constatamos que o projeto estava engajado na tentativa de auxiliar pelo menos 100 famílias refugiadas da Síria, com alimentação, mediação de documentos e emprego no ano de 2016. Alguns angolanos e haitianos também procuraram assistência do departamento por indicação de outros que já conheciam o projeto.²O trabalho realizado conta com serviços voluntários e doações. Alegam oferecer cursos práticos e teóricos para a comunidade com o objetivo de gerar renda como: artesanato, libras, inglês, reforço escolar, arte, terapia para crianças, além do curso de português para estrangeiros e outros. Em parceria com o hospital Adventista, juntamente com professores e alunos da área de saúde da Universidade Adventista de São Paulo (UNASP), realizam semestralmente atendimento à população na praça da Sé. Esse atendimento seria de medição da glicemia, aferição da pressão e orientações de saúde. Feiras e bazares também seriam organizados para expor os produtos e serviços realizados nesses cursos. A divulgação do projeto se dá principalmente por meio de redes sociais.

No que se refere ao grupo de imigrantes haitianos acolhidos pela instituição, este é formado de haitianos adventistas, que já eram pertencentes ao movimento no Haiti. Foi possível observar que essa relação iniciada em 2010 se mantém até os dias atuais. A igreja mantém uma relação com esses imigrantes que visa também um ato proselitista entre outros haitianos a partir do próprio grupo. Além do espaço para suas celebrações religiosas concedidas pela IASD paulistana, esse imigrante busca na instituição respaldo em momentos de maiores dificuldades. A relação da IASD com ação social e imigrantes na cidade de São Paulo foi constatada nesse grupo a partir da pesquisa de campo.

Conclusão

Como pudemos verificar, a IASD é uma instituição religiosa que teve como principal fundadora Ellen G. White que, influenciada por questões sociais muito

presentes e discutidas em sua época, as externa em seus escritos e acaba influenciado atitudes que seriam observadas pelo movimento. Ao chegar ao Brasil, a instituição em pauta se instaurou primeiramente entre imigrantes alemães e em São Paulo cresceu principalmente por causa da sua aproximação com migrantes. Como vimos, a sua relação com ação social estar relacionada a suas estratégias de proselitismo e por meio dessas ações se relacionam também com imigrantes na capital paulista. Entendo a complexidade das temáticas que envolvem religião, migração e ação social, sabemos que o assunto apresentado é apenas uma pequena parcela dentro de um “universo” muito mais amplo. Por isso, compreendemos a necessidade de se ampliar os horizontes de pesquisa e análise sobre o tema.

Referências Bibliográficas

BORGES, Michelson. *A chegada do Adventismo no Brasil*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2000.

CAMPOS, Leonildo Silveira. (Org). *Religiões Populares e Novos Cenários Culturais: Rupturas e continuidades*. São Paulo: Editora Reflexão, 2012.

COSTA, Gelmino. Memória da chegada de imigrantes haitianos a Manaus, 2010 – 2014: presença da Pastoral do Migrante. *Cadernos de Migração*, n. 8, CEM – Centro de Estudos Migratórios, São Paulo: Max Editora, 2016.

CUNHA, Filipe Brum. *Imigração aos Estados Unidos da América: Análise Histórica e Tendências no início do Século XXI*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012.

GAARDER, Jostein; HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry. *O livro das religiões*. Tradução Isa Mara Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Religião e MetrÓpole. In: MAFRA, Clara; ALMEIDA, Ronaldo de Almeida. (Orgs.). *Religiões e Cidades: Rio de Janeiro e São Paulo*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2009.

MARCELINO, B A M. *O Imigrante Haitiano e a Igreja Adventista do Sétimo Dia em São Paulo: um estudo de caso*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2016.

MENDES, Fabiano Ramos. *A Sensibilidade Cultural do Adventismo como Modelo Missiológico em Grandes Centros Urbanos: Uma Análise de Igrejas Adventistas na Cidade São Paulo*. Dissertação de Mestrado, Universidade Metodista, São Bernardo do Campo, 2015. Disponível em: <http://tede.metodista.br/jspui/handle/jspui/2618>. Acesso em: 01/05/2016.

MÉNDEZ, Natalia Pietra. *Discursos e Práticas do Movimento Feminista em Porto Alegre (1975-1982)*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.

QUADROS, Grazelle de Matos. *A Discriminação do Trabalho da Mulher no Brasil*. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2011. Disponível em:

http://www3.pucrs.br/pucrs/files/uni/poa/direito/graduacao/tcc/tcc2/trabalhos2011_2/grazielle_quadros.pdf. Acesso em: 05/05/2016.

ROSA, Edson (Org). *Esperança Viva: Nossa Missão é Servir*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2009.

SCHUNEMANN. H. E. S. A inserção do Adventismo no Brasil através da comunidade alemã. *Revistas de Estudos da Religião – REVER*, São Paulo, ano 3, n. 1, 2003.

_____. O Papel da Imigrações no Crescimento da Igreja Adventista do Sétimo Dia. *Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, v. 23, n. 37, p. 146- 170, jul./dez. 2009.

SEYFERTH, Giralda. Imigração e (re)construção de identidades étnicas. In: NETO, Helion P; FERREIRA, Ademir P. (Orgs.) *Cruzando Fronteiras Disciplinares: um panorama dos estudos migratórios*. Rio de Janeiro: Ravan, 2005.

WHITE, G. Ellen. *Serviço Cristão: Como Servir a Deus com Prazer e Alcançar Resultados*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

¹ A pesquisa de campo não pode abarcar a verificação de todos os projetos sociais apontados pela IASD.

² No final de 2017 tentei contato com o Instituto por meio de redes sociais, para saber se estavam mediando empregos para imigrantes haitianos, mas não obtive retorno.

Recebido em 01/06/2018, revisado em 25/10/2019, aceito para publicação em 07/12/2019.